



# Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

1 DE AGOSTO DE 1964  
ANO XXI — N.º 532 — Preço 1\$00

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO \* PAÇO DE SOUSA  
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA \* DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA \* AVENÇA \* QUINZENAS  
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO

## ÁFRICA

Partiram mais cinco que Deus chamou. Que vão com Ele; e por Ele, o pouco que são — que somos — que realize a única obra que vale a pena no mundo: o Reino, — que mudará mas não passa, nem quando o tempo acabar. O resto é vaidade se não enxertado no Reino, vivificado pela Graça, tornando valor de eternidade.

Eles foram contentes. Nós vimos-los ir da mesma sorte. No Altar, na hora da partida, juntámos ao pão e ao vinho esta dedicatória: «Senhor, renunciemos à nossa saúde e queremos, aqui e agora, ante-gozar a alegria dos nossos irmãos de Malanje e

de Benguela quando, dentro de dias, abraçarem estes outros e neles sorverem um arzinho de cá, que há-de mitigar as suas saudades».

Despedimo-nos, pois, dignamente, ainda que a simplicidade daquela hora tenha sido comprada pelas lágrimas de muitas outras. Somos homens! A nossa carne custa a sentir que separação não significa divisão, posto a nossa fé, e até a experiência, nos ensinam que a distância é uma prova do amor verdadeiro e, quando este é, uma causa de unidade.

Como a temos sentido crescer entre nós, — e a consciência da sua necessidade — justa-

mente porque a distância nos separa!

Deus é Pai. Pede muito, mas dá sempre muito mais do que pede. Até ao nosso coração de carne! Que saboroso, à distância, ir assistindo ao crescimento daquelas nossas comunidades angolanas, pelas cartas fraternas e filiais, que os nossos padres e rapazes têm sido tão assíduos e perseverantes em escrever! É mais um pedacito que se capinou; um banco ou uma mesa com que se adorna a margem da lagoa; um cruzeiro de paus toscos, «que faz ver ao da nossa Aldeia de Paço de

Cont. na 2.ª página



Unido a todos, o Sr. Presidente da Câmara ajuda os rapazes a empurrar a pedra fundamental.

Por  
PADRE ACÍLIO

## Setúbal

**N**O primeiro de Julho celebrámos mais um aniversário da abertura desta Casa do Gaiato. Foi o nono. Quis o Senhor que ele ficasse assinalado com o lançamento da primeira pedra das nossas oficinas no futuro Lar. Mais um passo em frente! Uma escalada se nos abre com certeza de vitória e esperanças de melhor organização de quadros educacionais para os nossos rapazes.

As obras já começaram, e com todo o entusiasmo dos rapazes que são os únicos construtores do nosso Lar. Vamos levantar de raiz. Nada está feito. Queremos que as nossas oficinas sejam construídas da melhor maneira que a técnica humana recomenda, providas de máquinas modernas e orientadas por gente capaz. Queremos não faltar aos rapazes com o mínimo de medidas humanas exigidas pela sua deficiência de origem!

O terreno com a área de três mil metros, cedido pela Câmara de Setúbal no centro da cidade, empresta ao Lar uma situação de privilégio.

Na bênção da primeira pedra estiveram todos os rapazes e todos com a alma em festa! Presentes alguns amigos numa comunhão de alegria e de vitória. Unido a todos, o Presidente da Câmara ajuda os rapazes a empurrar a pedra fundamental, num esforço real, sem fachada. Apesar da simplicidade da cerimónia e atraído por ela o Homem que se abriu desde a primeira hora do seu cargo aos nossos problemas dá a mão aos rapazes abandonados! Que gesto feliz! Quem dera que todos os que se responsabilizam pela comunidade traduzissem assim em actos o que em tantos não passa de palavras.

Benzemos. Neste rito está o fundamento inesgotável da nossa riqueza. A obra é sagrada e querida por Deus! Isto basta.

Não temos um tostão, mas começámos e com toda a força para firmarmos bem o nosso acto de Fé.

A construção passará dos mil contos. O apetrechamento ultrapassará a construção. Não nos afligimos. É dia do Precioso Sangue, preço da nossa Redenção, diante do qual o ouro e a prata são esterco. Os redimidos terão a palavra. Participaremos da Redenção com as nossas renúncias. A Ressurreição virá brevemente. Tu participa connosco, que eu vou dar-te notícias todas as quinzenas.

## Aqui Lisboa

Por PADRE LUIZ

«Cuide-se de fomentar na alma do rapaz o amor dos Pobres, como complemento necessário da sua educação religiosa; para tal, sejam distribuídas, por mãos deles, parte das esmolas que os fiéis nos dão. Dê-se ao rapaz a iniciativa total desta santa e doce tarefa, por amor de Deus; estão aqui os alicerces seguros de uma obra cristã».

Para quem tanto recebeu de Deus através da vida vicentina, aquelas palavras de Pai Américo não poderiam ser mais caras. O homem que não encontra o sentido dos outros é um ser diminuído, falta-lhe algo de essencial; não realiza as exigências da dimensão de «criado à imagem e semelhança de Deus», que, no dizer de S. João, é Amor.

Os vicentinos foram a Fátima, à grande e esperançosa reunião da Sociedade de S. Vicente de

Paulo, realizada o mês passado. Tive grande satisfação em proporcionar-lhes essa viagem e espero que tenha constituído para os confrades algo de marcante, ponto de partida para uma maior interiorização do mandamento que o Senhor deixou: «amai-vos uns aos outros como eu vos amei». Na medida em que assim fôr, estarão aí «os alicerces seguros de uma obra cristã».

Cont. na SEGUNDA página

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA





## Lar de Setúbal

As obras já começaram e... com todo o entusiasmo!...

País, mas eles estão longe de satisfazer as exigências vitais de quem trabalha. Como não podemos pagar mais e quem trabalha não pode viver dignamente com o que pagamos, geram-se problemas de consciência que não sei como resolver. A justiça social não pode ser palavra vã, mas há aspectos fundamentais a resolver, cuja solução nos escapa. Não me admiro, pois, da fuga dos Rapazes daquilo que se relaciona com o campo.

● Queixei-me, no outro dia, dos cágados. Pois, hoje,

entadas, podem e devem ajudar a construir Homens.

● O contacto pessoal é uma arma de que nos servimos em ordem à formação dos Rapazes. Se há princípios gerais a inculcar, não podemos esquecer que cada uma das Almas que nos foram confiadas é um mundo distinto, a requerer cuidados particulares.

Ontem, altas horas da noite, depois de um dia cheio, havia luz no escritório. Motivos? Servir, servir o Rapaz por amor de Deus. Ouvir, compreender, aconselhar, corrigir, admoestar. Vale a pena até correr certos riscos para salvar e estender sinceramente a mão a quem a pode recusar. Deus criou o homem livre e não queremos tirar-lhe a mais pequena parcela dessa dignidade.

● Uma coisa fundamental nas nossas Casas é a hierarquia dos Rapazes. Tudo fazemos para que seja respeitada. Um chefe é um condutor e, por isso, deve poder conduzir. Queremos chefes equilibrados, com a noção do dever, justos e compreensivos, mas firmes. «É a nossa divisa: *Obra de rapazes, para rapazes, pelos rapazes*». Há normas, há princípios orientadores estabelecidos, normalmente, nas reuniões de chefes, quantas vezes por eles próprios. Depois, depois resta um mundo, onde «o brio, a iniciativa e a personalidade» do Rapaz têm lugar para se afirmar e definir. A tão gasta palavra «autodeterminação» tem aqui lugar adequado. É tarefa de todo a formação de chefes, na sociedade em geral e na pequenina sociedade que é uma Casa do Gaiato.

tenho para dizer que fui encontrar quatro deles debaixo da travessa do «Canivete». Que há-de uma pessoa fazer?!

● Estive em Tomar pela Festa dos Tabuleiros. As provas de amor recebidas do Reverendo Pároco e da boa gente da linda cidade do Nabão estão longe de ser concretizados pelos 5.750 escudos que de lá trouxe. Louvado seja Deus.

● «O Sebastião morreu», vem dizer-me o «Banana» com um certo ar de tristeza. «Mas que Sebastião», perguntei. Resposta pronta do «Setenta Gramas»: «o filho mais pequenino da russa». Convido os interessados a registar a terminologia: o porco menos nutrido de cada ninhada é assim designado pelos nossos Rapazes. Aqueles que tiverem o nome de Sebastião que desculpem, mas posso testemunhar que os «sebastiões» são alvo de muito carinho e desvelo. A naturalidade no viver e a espontaneidade na acção são forças que, devidamente ori-

Cont. da PRIMEIRA página

● A crise da lavoura é um facto incontestável. Sentimo-la nas nossas Casas. A colheita da azeitona e o fabrico do respectivo azeite, apesar do trabalho dos nossos, oneraram de tal modo o custo do precioso «adubo» da sopa e do prato, que quase justificavam o abandono do fruto nas árvores. O trigo produzido, não obstante os auxílios recebidos, não cobre as despesas. O leite das nossas vacas, ainda que situado no primeiro escalão da qualidade, está longe de compensar os inúmeros encargos. E doutros produtos da terra se poderia dizer o mesmo. Há que acudir e não sei se já será tarde. Isto de a agricultura ser «a arte de empobrecer alegremente» é uma maneira muito leve de encarar coisas demasiado sérias. As consequências estão à vista e por isso ninguém se admira do êxodo rural e do abandono das terras.

Nós pagamos salários dos mais altos para o comum do



# Ordins

— Ó Senhor Padre, vinha pedir-lhe o favor de me dar um auxílio: estou velho e minha filha é doente, que pouco faz. Quem nos há-de valer?

— Ó Senhor Padre, precisava duma ajudazinha: eu, minha mulher e uma ninhada de filhos, a mais velha já com treze anos, estamos a viver todos no mesmo quarto. Só eu, pobre operário, é que ganho para tudo. Como posso dividir a casa, para vivermos em paz com a consciência?

Respondo-lhes:

— Bem eu sei das necessidades que os afligem; quem me dera poder ajudá-los. Olhem que nem era preciso que viessem bater à porta. Que lhes hei-de fazer?...

Eles vão e eu

fico. Ambos tristes: não são atendidos.

E tantos estes casos!

Na verdade, a Previdência Social, de mais largo alcance, é necessária, tanto nos meios urbanos como rurais.

O bom povo do campo continua a ser a maior riqueza nacional, bem vistas as coisas; mas está presentemente a passar por uma aguda crise de desenvolvimento e adaptação aos novos tempos. Quem o vai ajudar? É que, com certeza — não o esqueçamos — ele, sozinho, não pode sair vitorioso dos emaranhados problemas criados à sua volta.

E, se perdermos a classe rural, que será da Igreja e da Nação?

Pois «Ordins» está atento. Entretanto, no aspecto da assistência que

faz? Nada, pouco ou muito: conforme os vossos auxílios — auxílios de qualquer espécie, sobretudo pedidos de trabalhos de malha e tecelagem, como: camisolas, chales, carpetes, capas de senhora, tapetes, pegas, mantas... Para já, temos grande abundância de camisolas dos mais variados feitios e das mais lindas cores, muito próprias para a estação do Verão.

Não se esqueçam também da campanha dos selos, teias e novelos. Há quem se lembre de repartir connosco os bilhetes da lotaria. Que boa e abençoada lembrança! Quem se move pela Caridade é engenhoso, e só procura o bem, a felicidade dos outros, fazendo-lhes tudo o que deseja para si.

P.e Vieira



Costuma ser assim. Dão-me recado. Oiço-o com toda a atenção. Vou. Vejo. Inquieto-

me e trago o doente. Gostamos que tudo seja simples. Pois, desta vez, assim sucede.

A doença deita-o no leito para não mais dele se erguer. Paraliza-lhe os membros. E cava-lhe a miséria bem fundo em casa. Casa pequena. Casa de Pobres. Entretanto, a esposa toma maus caminhos e perde-se na cidade, para não mais voltar ao lar com regularidade. Leva consigo a filha mais velha e andam as duas por lá.

Poisemos as pedras que temos nas mãos. Não as atiremos. O Mestre espera por elas. Confia na vontade dos homens, tanto quanto conhece a sua fraqueza.

O pobre enfermo sofre a invalidez total, mas não menos a derrocada da esposa. No mesmo transe, porém, tem ocasião para conhecer a fidelidade amiga dos dois filhos mais pequenos, que não abandonam a cabeceira do pai. Um vai em nove e outro em sete anos. Eles são o tudo do pai. Preparam o caldo consouante ele lho dita da cama. Lavam-no. Fazem-lhe a higiene. Ajeitam-lhe o leito. Colocam-lhe até o cigarro nos lábios.

São a companhia fiel do dia e da noite. Dois rapazes! Quem conhece a grandeza escondida no peito dos pequeninos? Quantas condecorações

## AFRICA

Cont. da PRIMEIRA página

Sousa»; um jardim que se traça; uma cultura que se tenta; uma pequenina obra que termina; a simpatia que alastra; ajudas substanciais, ou migalhas amorosamente repartidas, que nos permitem viver... — tudo valores que de per si são banais, e se tornam pro-

fundos quando motivo e veículo para vivermos a Caridade entre os irmãos.

Não somos dignos. Mas que este pequeno povoamento em número, seja denso de intenção e de riqueza espiritual. O Reino dilatar-se-á. Em consequência é que o reino temporal há-de firmar-se.





# AGORA

Aqui temos a Procissão, uma vez mais na rua.

Os envelopes onde guardo as boas novas chegadas para as diversas obras da Obra da Rua estão todos gordos, graças a Deus. E ainda hoje — e sempre, assim contamos — nós teremos de racionar o espaço para que o jornal não vá todo de maíses, como se diz na gíria cá da Redacção.

Atenção, pois:

Casas para que vários concorrem — Duas presenças: uma de 50\$00 para a Casa dos meus anos; outra de 640\$00 para a Casa de N. S.ª do Carmo e esta oração tão linda:

«Só Deus sabe o valor do que se envia para aí. Já em solteira mandava os meus donativos, e Deus sabe que nunca foram fruto de sacrificio. Por ser então empregada na Previdência, soube que teria um subsídio de casamento, pensei logo, que se o meu marido me autorizasse, quando o recebesse, o destinaria a mais uma pedra para a Casa de Nossa Senhora do Carmo, que diga a verdade, tão esquecida anda das Carmelitas e das Marias do Carmo, pois não marcam presença. Aconteceu

não se ostentam orgulhosamente sem mérito nem verdade! Quantas! E quem aprecia o valor desta permanência dos filhos menores junto do pai numa dedicação invulgar? Eles são de pé descalço, iletrados (não podem ir à escola para ajudar o pai!) — ninguém repara neles! Entretanto, as insígnias andam no peito inchado dos grandes.

Pois, estes dois vêm acompanhar o pai ao Calvário. Este fica, aqueles partem. Triste partir. Desconsolado ficar.

Se é cruel o abandono do lar por parte da esposa, não menos o é esta separação forçada dos filhos. Têm pais, mas vão eriar-se, e educar-se na sua ausência definitiva. E talvez tal não sucedera se a sociedade tivesse ministrado cuidados atentos ao pai hoje paralizado. Dizem que aquilo podia ter-se evitado. Há tanto meio de prevenir o mal. Há tanto recurso para remediar o mal maior, indo a tempo de encontro à origem ou à revelação do mal.

Aqui não houve nada.

— «Bem vê, somos Pobres!»

Ai dos Pobres em seu viver de Pobres!

Não atiremos pedras àquela mulher que se ausentou do marido. Não. É mais grave a nossa omissão. O assumir a responsabilidade do mal dos outros ainda não entrou nos hábitos do nosso tempo. Alheamo-nos tão facilmente ao problema dos mais.

E o maior pecado continua a ser aquele que vai contra o amor. E nós, homens, ainda nos amamos tão pouco, uns aos outros! Por isso nos esquecemos dos mais e não nos importamos com eles!

E o que é bem mais grave: — é que não julgamos que isso seja da nossa conta.

Padre Baptista

que o recebi, por sinal já há uns mesitos atrás, e aqui estou a enviá-lo com muito grande alegria. Acontece também que agora com quase seis meses de casada arranjei coragem para pedir ao meu marido se achava que nós poderíamos mandar 20\$00 cada mês, destinados ao fim já citado, fiquei tão feliz porque ele me disse que sim. Eu poderia fazê-lo sem ele saber, mas isso não era leal, e assim tem outro sabor».

E ainda para esta mais 50\$ do Porto, a recordar o dia 16 de Julho de 1956.

Casas por inteiro — Uma de 20 contos, duma senhora que a entregou ao nosso P.e Luis. Mais outra, de 12 contos e chamada de S. Judas Tadeu. E mais outro tanto, dum correspondente de muitas, muitas vezes, com esta legenda admirável que a gente só lê dignamente se ajoelhar:

«Foi-me proposto, por pessoa amiga, que escolhesse a lembrança que desejava oferecer-me.

A DEUS, agradei desde logo a proposta; nenhuma outra me poderia ser mais agradável, nem mais valiosa!

A escolha estava feita — a Casa do Património dos Pobres, a iniciar a segunda década do meu Rosário de Casas!

Obrigado meu DEUS, quanto sois Bom para comigo e quantas graças vos dou por haverdes permitido que assim valorize «a lembrança», que tão generosamente me foi oferecida!

V. Rev.ª f. f. de mandar construir a Casa onde mais sinta a sua falta e só se nisso não vir inconveniente, dar-lhe-á o nome de «Casal de S. José».

E mais esta, de Ponta Delgada:

Caros Gaiatos:

Tenho o prazer de vos enviar dois vales de correio, no valor total de 6.000\$00 (seis mil escudos) como complemento à verba igual enviada há meses.

Atinjo assim os 12 contos, destinados à casa que desejei fosse construída na Póvoa de Varzim.

Lendo porém nas entrelinhas, parece-me que «eles» não chegarão para a sua realização total. Peço pois me digam, qual o valor exacto da

casa, para que logo que me seja possível enviar a diferença, ficando assim com o gosto completo».

Eventuais — Nas capas da 2.ª Festa no Coliseu um sobrescrito com 5 contos e muitas obras de assinaturas e no Montepio Geral, em Lisboa, deixaram donativos o assinante 33503 (várias vezes) e «um pecador».

Pessoais — O do Banco de Portugal 1500\$00, também no



Montepio. Os funcionários da Caixa Textil do Porto, 205\$00, 200\$00 e 192\$00 relativos a Abril, Maio e Junho. Os do Grémio de Panificação do Porto, 372\$50, e duas vezes 187\$50 em fins de Abril e no princípio e fins de Junho.

O Pessoal da HICA, 1852\$ mais 1801\$90, mais 179\$70 em Maio, Junho e Julho.

Os de todos os meses:

Três presenças de 100\$00 do Engenheiro da R. de Campoverde. Outras tantas de 20\$00, da que pede «a conversão de um chefe de Família». E o «que poupa 20\$00 ao tabaco» outras três; assim como a Maria do «Pequeno Louvre» e a Alda do Ribatejo, com os seus 70\$00 e o nosso Major, que sempre termina impondo silêncio. E a Odete da Guarda que se pôs em dia. E um salto mais longe: Paris com 50 francos «para pagamento do 2.º semestre de 63 e mais seté prestações deste ano». E «uma mãe sempre preocupada». Até com a sorte dos Pobres!

Casas a prestações:

É a avalanche!

Flagelação apareceu em 13/Maio. Estranho que não haja presenças posteriores. Que não seja por nenhum mal. Da Beira, mais uma chegada de 500\$00 para a Casa N. S.ª da Boa-Hora; 20\$00 para a Casa N. S.ª das Candeias. Duas vezes 500\$ da Alda de Lisboa (Não confundir com a de todos os meses, que é do Ribatejo). Helena é incansável e acrescentou desde a última saída, três pedras à Casa de S. Francisco.



Dois cunhais de uma linda moradia do Património em Golães (Fafe).

as despesas crescem na razão directa do crescimento do nossos 3 filhos. Finalmente pedindo emprestado e hipotecando, procuramos arranjar a quantia necessária para construirmos uma casa para nós nos arredores de Lisboa.

Entretanto vamos continuar para a nossa segunda casa. Aqui vai a primeira prestação (200\$00) reduzida mas de boa vontade. Como contribuição indirecta em artigo, conseguimos que uma casa de tintas de Porto, mais uma vez vos ofereça também aquilo que as vossas obras necessitam, no aspecto de tintas».

Se todos os militares que servem no Ultramar, servissem com este espírito, não de moraria muito o estado de guerra. Assim...

O Casal-assinante 28562 visitou-nos duas vezes: em 10/Maio e 19/Junho.

Cruz da Beira, três vezes em 7/Maio, 3/Junho e 3/Julho

Judite manda este recado

«Apesar de não escrever, não ter sido possível continuar naquele ritmo da «Casa da minha mãe» junto hoje mais uma prestação via-reduzida para a «Casa Pai Américo» Como já disse ao Júlio estive vai mais devagar e tem sofrido paragens bem contra minha vontade. Mas, se Deus quiser irá».

O meu conhecidíssimo «Desconhecido», «depois de muitos atrasos e arrelia», entregou não vir inconveniente, dar a Casa Pio XII. Mais outra tanto para a Casa Carolina. E o mesmo para a Casa de um casal muito amigo no 7.º aniversário do seu casamento.

Mais uma passagem tripla do assinante 6790. Mais, de Lisboa, a 2.ª passagem da «mãe de um assinante», com 500\$00 «para a sonhada casinha. Penso não me enganar que com esta remessa prefaço a quantia de 5700\$00».

«Uma admiradora da Obra» envia mais 150\$00 para a Casa de S.ta Filomena, «lamentando a morosidade com que envio alguma quantia». E pergunta quanto enviou até agora. Ora se aquele nome com que ora

Continua na QUARTA página





# PELAS CASAS DO GAIATO

## Malanje

Ainda conservamos a lembrança da saída de Paço de Sousa.

Grandes e pequenos ao darem o seu abraço de despedida deixavam cair lágrimas de saudade. Ao chegarmos a África não faltaram cartas cheias de saudades que se cruzavam sobre as águas do Oceano.

Hoje as cartas já são menos, pois as saudades vão diminuindo, mas nos nossos corações não deixa nunca de existir o amor fraternal que em nós se criou e que jamais se apagará.

Há dias estávamos nós no pequeno almoço quando o Quim se saiu com uma das dele: hoje é que tive um sonho cómico! Sonhei que vieram cá os Gaiatos de Paço de Sousa visitar-nos numa camioneta de carga. Os abraços eram tão fortes que até faziam estalar os ossos.

Benditos os sonhos bem sonhados que nos levam a recordar e até a matar saudades de quem se encontra tão afastado de nós.

Assim para todos os Gaiatos que hoje se encontram espalhados pelo mundo, em especial para aqueles que ainda não puderam chegar até nós por este transporte tão rápido, para todos um abraço forte e apertado de todos os Gaiatos de Malanje.

## CULAMUXITO

Quinhentos hectares de matagal, umas casinhas modestas e uma família pobre.

Ainda alguns de Vós não visitou esta fazenda? Ela fica a dez quilómetros da cidade de Malanje, tem uma plantação de cafeeiros à beira da estrada; na primeira picada tem uma tabuleta de madeira que diz Casa do Gaiato.

Entre e venha ver os nossos campos como se desenvolvem dia a dia; a nossa lagoa que convida a uma passeata de barco; as nossas casas pobres na sua simplicidade; e a nós. Se ainda não veio até nós não perca tempo. Aqui não existem portões nem cães a impedirem a passagem.

Venha e traga até o seu almoço e saboreie-o à sombra de umas árvores numas mesas de pedra e sentados nuns troncos na margem da lagoa.

Venha ver o local onde se vai construir a nossa futura aldeia e contribua para o fim dela porque a nossa Obra é de rapazes, para rapazes, pelos rapazes.

Ajude pois a construir para assim se ver livre desses gaiatos que andam por essas ruas a causar distúrbios e sarilhos. Somos apenas quinze: três já entrados aqui em África. Mas não faltam pedidos para mais! Para já é impossível admitir mais rapazes pois temos a lotação esgotada; mas não falta quem precise de aprender a ser homem nesta terra africana.

Não vos esqueçais pois de que precisamos da vossa ajuda.

A nossa família cresce. A Emília teve uma menina. Fernando, o pai da menina, não diz outra coisa senão que «ela é linda; ela sai a mim». André na sua alegria não deixa de a visitar todos os dias. Laranjinha morto que ela ande para poder brincar com ela. E todos nós vivemos na alegria por haver mais um membro na família. Mas o mal todo é que a Emília tem o seu trabalho de olhar pela casa e ir às compras sempre que é preciso.

Aborrecido será pois que tenha de andar sempre com a criança ao colo; e para que isso não aconteça é preciso haver um carro; se se

vai a comprar chega aquela conta. Por isso, se os senhores tiverem dó da Emília e forem nossos amigos remediarão esta necessidade. Desde já os nossos agradecimentos, e vamos a ver quem se esforça por ser o primeiro.

Manuel de Sousa Cardoso

## BELEM

As árvores de fruto — Na nossa quinta temos muitas árvores de fruto. Este ano todas elas deram fruta mas em menos quantidade do que o outro ano. Os abrunheiros principalmente não têm quase nada. As cerejeiras já este ano deram cerejas e já as comemos às merendas. Agora não tardarão a vir os abrunhos, pena é que sejam poucos. As maçãs, as peras, as romãs, essas é que estão muito atrasadinhas. Então pêssegos é a fruta que

temos menos. No outro ano ainda deram alguns mas este ano nem chega um a cada. Se Deus quiser este ano não haverá tanta tentação com a fruta que está nas árvores, como no outro ano, em que tanto arrelíamos a nossa Mãe.

Fatinha

Os bordados — Há tempos que não bordávamos. Como estávamos perto do exame a nossa Mãe teve que nos arranjar estes trabalhos. Quando podemos, vimos trabalhar. No exame os senhores Professores admiraram-se com os nossos trabalhos porque eram bonitos. Nós quando temos trabalhos de mãos ficamos todas contentes porque já não vamos para o pinhal apanhar caruma. Nós sabemos fazer muitos bordados e gostamos muito de os fazer. Se os Senhores quiserem bordados feitos por nossas mãos é dizerem.

Sãozita

O verão — Já estamos no verão. Este ano começou com muita chuva. Agora tem vindo frio e calor. Os frutos já estão a amadurecer e

os campos estão secos e têm que os regar muitas vezes, porque senão secam as plantas. Às vezes vêm algumas nuvens que encobrem o céu todo, mas depois afastam-se e vem o sol. Então é uma alegria para nós, porque já podemos ir brincar mas quando está o céu todo encoberto nós aninhamo-nos a um canto e não nos apetece brincar, porque está muito frio.

Se os Senhores nos ajudassem para se fazer uma varanda coberta onde pudéssemos brincar no inverno, quando está muito frio, e no verão, quando está calor, era tão bom!

Fernanda

## Lar de Lisboa

Após muito tempo de ausência, caros leitores, aqui estamos para vos dar notícias do Lar. Motivos de ordem vária, originaram esta falta de contacto: o afastamento de alguns imposto pelo serviço militar, a saída definitiva de outros, etc.. As notícias nunca faltam. Há sempre algo de novo a dizer, e embora as crónicas não tenham aparecido por falta de cronistas, a misericórdia de Deus não nos tem desamparado, e revela-se através dos homens: a Sra. do pão com os 50\$00 do costume, e alguma coisa mais para melhorar a refeição; a esposa do sr. Coronel Pereira com as habituais encomendas; da Caixa do Estoril 93\$00; 100\$00 de anónimo; mais 100\$00 por intermédio da sra. D. Noémia; D. Alice Fernandes com 50\$00; alguém que entrega à porta, 20\$00; Miquelina Tavares 20\$00 por várias vezes; e novamente a Caixa do Estoril com 90\$00. Áurea com 100\$00 e dum mealheiro colocado em casa amiga, 800\$00. E a propósito, lembramos os mealheiros que por toda a Lisboa se encontram espalhados; colaborei na generosidade dos nossos amigos que aceitam.

E a marcha continua. Na caixa do correio aparecem 1000\$00 e D. Noémia repete, desta feita, com 150\$00; mealheiro da Batalha 80\$00 e anónima 150\$00 com roupa e calçado; mealheiro do Estoril 133\$20 e Belinda Reis 50\$00; D. Alice 250\$00 e sempre algo a acompanhar; Eng.º Brás de Oliveira 100\$00 várias vezes, Anunciação Mateus 100\$00 todos os meses, Virginia Marques os 20\$00 do costume, Carmen 20\$00, Moisés também 20\$00, José Melo 20\$00, Irene idem, Dr. José Passos 20\$00 e ainda Américo com outro tanto; Artur Rodrigues 850\$00 e muito carinho. Como vêm Deus nunca tem faltado, e continuamos a esperar o Seu auxílio, manifestando os nossos agradecimentos aos intérpretes do Seu Amor.

Actualmente o nosso Lar é na Estrela, mas a casa, em si, não reúne as condições mínimas para a formação de um autêntico lar. Além disso a renda é muito elevada (3 mil escudos). Ninguém estará interessado em ajudar a resolver este problema, que temos de considerar fundamental para os desejos de Pai Américo, expressos nos «Estátutos dos Lares»? Veja bem, amigo leitor, talvez aquele andar ou aquela casa não lhe façam tanta falta, e estejam até desabitadas. Consulte bem os seus arquivos, e verá que arranja sempre qualquer coisinha.

E agora falemos do Verão. O nosso Lar é particularmente quente, e a toda a hora apetece um copinho de água fresquinha. Já adivinhou do que se trata? Exactamente. Um frigorífico. Estraga-se mesmo alguma coisa de menos conservação, devido à falta desse precioso auxiliar doméstico. E quem sabe se não haverá quem tenha um já posto de parte, mas que afinal ainda teria a sua utilidade? É um caso a ver, não é amigo leitor?

E com este apelo à generosidade de todos vós, termino esta crónica do Lar de Lisboa.

Marinho

# AGORA

Cont. da TERCEIRA página

se subserve coincide com «Uma leitora do Gaiato», de Lisboa, que anda empenhada numa casa sob aquela invocação, estava em Novembro/62 em 790\$00.

É a vez das Mães. Duas vezes a que anda construindo «em honra de S.ta Teresinha, pela salvação dos meus 4 filhos». Três vezes «a Mãe que crê em Deus». Duas a do António e do Fernando. E uma com esta mensagem:

«Acabaram de chegar os meus filhos, para férias do Seminário e eu quero assinalar a chegada enviando mais uma lembrança para a casa «Louvado Seja Nosso Senhor Jesus Cristo», pois tanto uma coisa como outra é motivo de grande alegria para mim, digo para mim, porque não é menos para meu marido quando o meu sonho estiver realizado de ter contribuído para uma casa para o Património dos Pobres e lhe oferecer como prenda, por ser bom esposo e óptimo pai, Deus queira que eu veja realizado este meu sonho, porque é de migalhas que eu a tenho de fazer e é de migalhas que eu a quero para ser o presente mais valioso.

Por isto peço ao Sr. Padre que juntamente com os nossos irmãos gaiatos façam uma oração a Jesus e também

peçam pelas vocações dos meus filhos e que o Senhor os aceite e encaminhe, pois de boa vontade lhos dou, porque aprendi com o nosso saudoso e bom Pai Américo: «Senhor tomai conta deles; são mais teus do que meus».

Ó carta. Ó filhos ditosos de tal mãe! E que grande responsabilidade tê-la! Sacerdotes ou não, se não fôr esta a vocação de Deus, que sejam santos, que essa é vocação universal.

«Uma pecadora» manda 300\$00 e pede «o favor de verificar se fica em 1500\$00». O pior é que há outra «pecadora» a contribuir para a Casa Jesus consolai os que sofrem, a qual mandou em 13/Maio último 500\$00. Serão a mesma?

Trezentos, de Nesperreira, para a Casa de N.ª Senhora do Rosário. Mais 500\$00, referente às prestações 64.ª — 73.ª da Casa Avó Ema e «obrigada por mais uma tarde de alegria no Monumental».

A Casa do Eduardo fica na 2.ª prestação e em 1000\$00. A Casa dos Grilos, recebeu uma achega de 2 contos. «Isto tem ido muito devagar, mas espero em Deus chegar ao fim. Pelas minhas contas a soma entregue está em 5 contos. Está certo?» Está, sim senhor.

E um nome muito nosso conhecido e de Deus, escreve num plural de humildade: «Como dissemos em Maio de 1960, vamos entregar hoje a 1.ª prestação para a Casa Lar Cristão. Remeto, pois, 4.000\$00 com esse fim». Aqui recolhe, hoje, a pro-cissão.

## PAÇO DE SOUSA

AFRICANOS — Partiram do meio de nós mais rapazes com destino às nossas Casas de África. O Américo, a Olímpia, Manuel Chancudo, mais dois dos nossos pedreiros. Tiveram antes da sua partida uma pequenina festa de despedida. Acabada a refeição, em nome dos batatinhas, o Renato disse duas palavras de despedida, os outros batatinhas juntando-se em seguida cantaram todos juntos a canção «BATATINHA».

Nós sentimos com bastante mágoa a hora da partida deles, quase todos tínhamos as lágrimas a saltarem-se-nos das órbitas, assim como eles, pois o Américo mais a esposa já eram os dois muito queridos entre a nossa família, assim como os outros. Quando foi da partida dos primeiros aconteceu o mesmo: mais abraços, mais lágrimas, mais lágrimas de felicidade.

E eles sentiam-se felizes, pois é a nossa obra de África que chama por eles, e a nossa Obra é como uma árvore muito frondosa, que tem espalhados por diversos lados os seus ramos, e esses ramos muitas vezes precisam de ser alimentados. Nós somos as folhas dessa árvore, que lhe damos tudo que esteja ao nosso alcance para que ela continue de pé. Portanto eles vão fortalecer os ramos novos que nasceram nesta árvore que são as Casas de África, para que ela com o sacrifício e esforço de todos nós consiga erguer bem alto o nome da Obra da Rua. Ela pediu o apoio deles, e eles não tiveram a coragem de lhe negar esse apoio, portanto sentem saudades nossas, mas também se sentem felizes: vão lutar pela Obra e por Cristo.

BESSA — O Bessa já é um rapazote de 17 anos, e muito naturalmente, como todos, começa a sentir-se homem.

Mas diz ele que enquanto não ganhar barba não é homem nenhum. Isto vem a propósito de aqui há dias, estando o Bessa em conversa com alguns colegas e lamentando-se de ainda não ter barba, eles disseram-lhe que se ele fosse dormir uma noite ao galinheiro, passado uma semana teria barba serrada. Bem, o nosso amigo não esteve com meias medidas. À noite, quando ia para a cama, em vez de se dirigir para o seu leito, foi fazer companhia às nossas galinhas, e lá passou a noite com certeza todo satisfeito porque dali a pouco tempo teria barba. Escusado será dizer em que estado se encontrava o nosso amigo no outro dia, pois teve de tomar um banho dos pés à cabeça!

ALFAIATARIA — A nossa alfaiataria é um caso especial cá em Casa, pois a última que aqui aconteceu foi como se pode dizer, uma notícia do Entroncamento. Estando um dos rapazes a fazer um casaco, já tinha partido sete a oito agulhas, e vendo que já era demais e que já estava a dar muita despesa à oficina, pensou que o melhor seria arranjar maneira de não partir mais agulhas. E vai daí manda pedir ao sapateiro uma sovela de coser os sapatos para acabar o casaco. Quem entrava na oficina ficava de olhos espantados, pois o citado rapaz de sovela em punho fazia um figurão.

SERRALHARIA — Está em franco progresso esta secção de trabalho. Com um mestre competentíssimo, têm executado trabalhos de qualquer espécie. Portanto os senhores, tendo qualquer serviço em ferro ou alumínio, não tenham medo de mandar vossos trabalhos, pois serão feitos com a máxima perfeição, como em qualquer outro lado.

PRAIAS — Sim, as praias são actualmente o centro das atenções cá em Casa. Mas os senhores bem sabem que se não pode tomar banho sem calções. Já se têm feito pedidos diversas vezes, mas nunca é demais insistir. Tenho a certeza de que se os leitores procurarem sempre encontrarão uns calções de que já não farão uso.

António Alves da Silva

